

e faz surgir uma **população** cujo poder aquisitivo provoca o aumento do rendimento de fábricas de todo o tipo. As melhorias introduzidas no campo, com vistas ao aumento de produção, o crescente processo de urbanização, fruto do desenvolvimento do comércio e da indústria, e os novos tipos de emprego determinam o declínio do velho tipo de dominação característico do clientelismo. Este fato, associado às necessidades de mão-de-obra mais especializada, criam a necessidade de um novo projeto de incorporação de novos grupos, junto aos quais a escola ocupa, no caso específico, um papel de destaque. Isso explica a grande concentração de unidades nas zonas do Sul e da Mata (somente em Juiz de Fora foram 43 escolas, das quais 17 noturnas). A atual zona Metalúrgica também foi bastante contemplada em função do propósito de fazer de Belo Horizonte um centro polarizador do ponto de vista econômico e cultural das expectativas em relação à metalurgia.

Como resultado, tivemos uma significativa ampliação nos índices de oferta de matrícula, o que sem dúvida abriu oportunidades de escolarização para setores da população até então excluídas do processo. Essa situação durou, entretanto, pouco tempo, sendo impossível avaliar seus resultados do ponto de vista prático.

As dissenções ocorridas no momento da sucessão do Presidente Antônio Carlos e a ascensão ao governo de um representante da ala tradicional do PRM; as dificuldades econômicas enfrentadas pelo Estado em função da crise internacional de 1929 e da crise do café em 1930 e os novos rumos tomados pela economia mineira, que vê na siderurgia (*) a saída para o impasse em

(*) Clélio Campolone Diniz em seu trabalho "Estado e Capital Estrangeiro na industrialização Mineira" afirma viver o Estado, neste momento, um

que se encontrava o Estado nesse setor e as perspectivas de definição de um novo modelo político, econômico e social que se define a partir de 1937 para o País, determinam uma radicalização na política educacional do Estado. Reconhecendo ser impossível jogar por terra o trabalho de seu antecessor, mas, temendo, de um lado, os possíveis resultados da ampliação em larga escala das oportunidades de escolarização. E, de outro, vendo-se a frente com o problema de capitalização de recursos para obras de infra-estrutura que permitissem levar a frente um plano siderúrgico no Estado, o Presidente Olegário Maciel e seu sucessor, o Interventor Benedito Valadares optam por uma linha de ação que se caracteriza, basicamente, pelas preocupações em relação a qualidade do ensino.

Assim sendo, no período compreendido entre 1930 e 1937 a análise dos documentos a respeito do ensino em Minas Gerais (1115) indicam uma acentuação de interesse, por parte do governo, com os aspectos qualitativos do ensino. Com este objetivo, são oferecidos cursos ao professorado mineiro e nessa liderança educacional participa ativamente dos Encontros Nacionais de Educação. Na Revista do Ensino e no Minas Gerais publicaram artigos a respeito dos princípios psicológicos a serem observados em sala de aula com vistas a um maior rendimento por parte dos alunos. Testes são padronizados e aplicados com o objetivo de se obter classes homogêneas. Em 1937, sob a orientação da Professora Hélène Antipoff, os alunos das primeiras

impece no setor econômico, pois ao lado da crise da cafeicultura dos anos trinta, que provocou a decadência da Zona da Mata e das de expansão da indústria atingiu maiores proporções graças às possibilidades otimizadas em função da laticínios e de açúcar, vive o Estado um momento de industrialização da expectativa de transformar Minas Gerais num grande centro industrial, com base na expansão da siderurgia. DINIZ, Clélio Campolone. "Estado e Capital Estrangeiro na Industrialização Mineira", p.29.